

Ângela Cristina Belém Mascarenhas

Os movimentos sociais estão achatados pelo discurso da conciliação?

Como será destaque na página 12 desta edição, a reportagem do **Jornal UFG** acompanhou no mês de janeiro, em Porto Alegre (RS), os debates do Fórum Social Mundial (FSM), evento que em 2012 foi realizado com o nome de Fórum Social Temático (FST). Trata-se de uma das principais reuniões das organizações de esquerda do mundo, que se estruturou com base na atividade crítica, mas que, no curso de 11 anos, teve sua capacidade de enfrentamento da realidade fragilizada. Tão logo retornou, nossa equipe sentiu necessidade de analisar

Patrícia da Veiga

Que papel desempenha o Fórum Social Mundial (FSM) na história contemporânea?

O Fórum Social Mundial (FSM) foi muito importante, uma organização que trouxe esperança e conforto. Lembro do *slogan* que na época me encantou: “Um outro mundo é possível”. Isso porque, no fim da década de 1980 e no início de 1990, pregava-se de maneira muito convincente que estávamos vivendo o fim da história, o fim das esperanças, no sentido de uma contraposição ao capitalismo, o fim das utopias socialistas. O FSM contestou tudo isso. Pouco mais de uma década depois da derrocada do Leste europeu e mediante a situação absolutamente agonizante de Cuba, presenciarmos a criação de um evento como o FSM, cujo objetivo inicial era a contraposição ao “pensamento único” e a tudo o que estava estabelecido, foi realmente um alento. Sua função foi retomar uma possibilidade de reorganização das esquerdas e contestar a lógica da, como diz o filósofo húngaro Is-

tván Mészáros, “estrutura societal do capital”. Outra característica importante do Fórum, em sua criação, foi seu âmbito global e sua possibilidade de unificar pessoas e pensamentos, transformar as redes de informação em redes de luta. Tecnicamente, a globalização poderia resultar em um grande processo de confraternização universal. No entanto, política e socialmente, estamos distantes disso. Essa é uma contradição evidente que, por meio do Fórum, foi transformada em alternativa para a contraposição. E tinha de ser, pois, como Marx já analisava no século XIX, um país ou grupo não faz revolução de forma isolada, só se enfrenta uma estrutura societal global com outra. Nessas 12 edições do evento, muita coisa mudou e as organizações de contraposição não foram fortalecidas. Pelo contrário, vivemos um momento muito forte da posição de conciliação entre capital e trabalho. Isso se reflete no Fórum, que está tomado por todas as contradições da realidade. Como aconteceu com o movimento sindical, o movimento feminista, o movimento



Carlos Siqueira

camponês e outras organizações, a contraposição está cada vez mais fragilizada também no Fórum.

O momento de conciliação entre capital e trabalho a que a sra. se refere é uma consequência da reprodução das ideias da chamada “terceira via”?

Sim. Nos últimos 20 anos, como uma reação ao próprio “pensamento único” e pela constatação da falência do neoliberalismo, se procurou construir uma crítica, mas pelo caminho, como você ressaltou, da “terceira via”. Trata-se de uma opção que propõe conciliar capitalismo e justiça social. Se analisarmos a fundo, notaremos que essa é a primeira via, mais uma vez, apropriando-se do discurso das esquerdas. Uso o termo “terceira via” como um grande guarda-chuva ideológico para dizer que o que está em voga é pregar o impossível, pois o que interessa ao trabalhador representa custo para o capital. Os movimentos sociais, sendo partes do todo, estão achatados por esse discurso. No movimento sindical, por

os resultados do Fórum, bem como a atual conjuntura dos movimentos sociais. Convidou, então, Ângela Cristina Belém Mascarenhas, professora da Faculdade de Educação (FE) da UFG. Logo no início da entrevista, ela demarcou como base teórica de suas interpretações a “concepção marxista da realidade” e as ideias do filósofo húngaro István Mészáros. De acordo com esse enfoque teórico e prático, a sociedade deve ser vislumbrada e reconstruída “para além do capital”. Confira trechos da entrevista, que tem continuidade no **Jornal UFG On-Line**.

exemplo, fazem o discurso da união com os agentes patronais para que as pessoas não fiquem sem emprego. Mas não precisamos meramente de emprego e, sim, de melhores condições, de vida, de humanização. Outro exemplo, na universidade pública, que é onde trabalho, isso também é evidente: os professores estão cooptados pelo modelo do empreendedorismo, dos projetos, do produtivismo. Ou seja, a conciliação está acontecendo em todos os âmbitos do mundo do trabalho.

No contexto de fragilidade da crítica ao capital, que análises podem ser feitas do Fórum Social Temático 2012 e dos discursos de combate à economia verde engendrados em seu tema central: “crise capitalista, justiça social e ambiental”?

Primeiramente, vale questionar o nome que deram à edição deste ano: Fórum Social Temático. Isso deixa claro o deslocamento da reivindicação inicial, que é de construir, em escala global, outro mundo. Na carta da Assembleia dos Movimentos Sociais, documento de 28 de janeiro, está escrito: “comprometidos com nossas lutas históricas, defendemos o trabalho decente e a reforma agrária”. O que é “trabalho decente”? Como o trabalho se torna decente? Não está dito. Há um esvaziamento da palavra trabalho e de sua centralidade nos discursos. Não se concebe trabalho de forma ontológica. Trabalho, para Marx, por exemplo, é a potencialidade do homem, não um emprego. Trabalho não é atividade produtiva, mas sim produtora, criadora, realizadora, expressão da práxis, ação do homem no ambiente. Se não se recompõe a essencialidade humana, centrada no trabalho, não há a menor chance prática de transformação social. Também me chama a atenção no documento, o trecho que diz: “o objetivo de enverdecimento do capitalismo acompanhado pela imposição de novos instrumentos da economia verde é um alerta para que os mo-

vimentos sociais reforcem a resistência e assumam o protagonismo da construção de verdades alternativas para a crise”. Enverdecimento do capitalismo? Sinceramente, é outro esvaziamento do discurso. É uma fragilização de uma concepção, de uma posição política e de uma ação. A questão não é propagar ou combater o “verde” da economia, é solapar o capitalismo em sua base e recompor as relações da humanidade com a natureza e consigo mesma. O capital é ideologicamente eficaz, reformulando-se com facilidade. Já existem muitas instâncias “enverdecidas” dentro do capitalismo, empresas com selos de qualidade e de responsabilidade ambiental. Desse modo, o que há para se combater nesse discurso de crítica à “economia verde”? Os setores produtivos já estão operando em bases ecológicas. O que demonstra que essa bandeira contra a “economia verde” é extremamente restritiva e de alguma forma um enaltecimento da “estrutura societal do capital”. A crítica só tem sustentabilidade realmente se for além disso.

Na programação do Fórum, entre as atividades paralelas, foram destaque as reuniões da Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Que avaliação a sra. faz dessa iniciativa, que parte do movimento estudantil e tem o apoio de nomes como o do sociólogo Boaventura de Souza Santos?

É bom que se diga que esse movimento está sendo encabeçado por uma parte do movimento estudantil, não pela União Nacional dos Estudantes (UNE). É uma proposta importante, mas é preciso discuti-la melhor. Falta amadurecer a formatação desse projeto, definindo não somente o que seria essa universidade popular, mas também qual o caminho para ela. Sei que essa ideia não é nova, mas ainda é incipiente. Nesse bojo, não só o caminho da universidade popular é interessante como também o da extensão popular.

Veja outros trechos dessa entrevista em: www.jornalufgonline.ufg.br